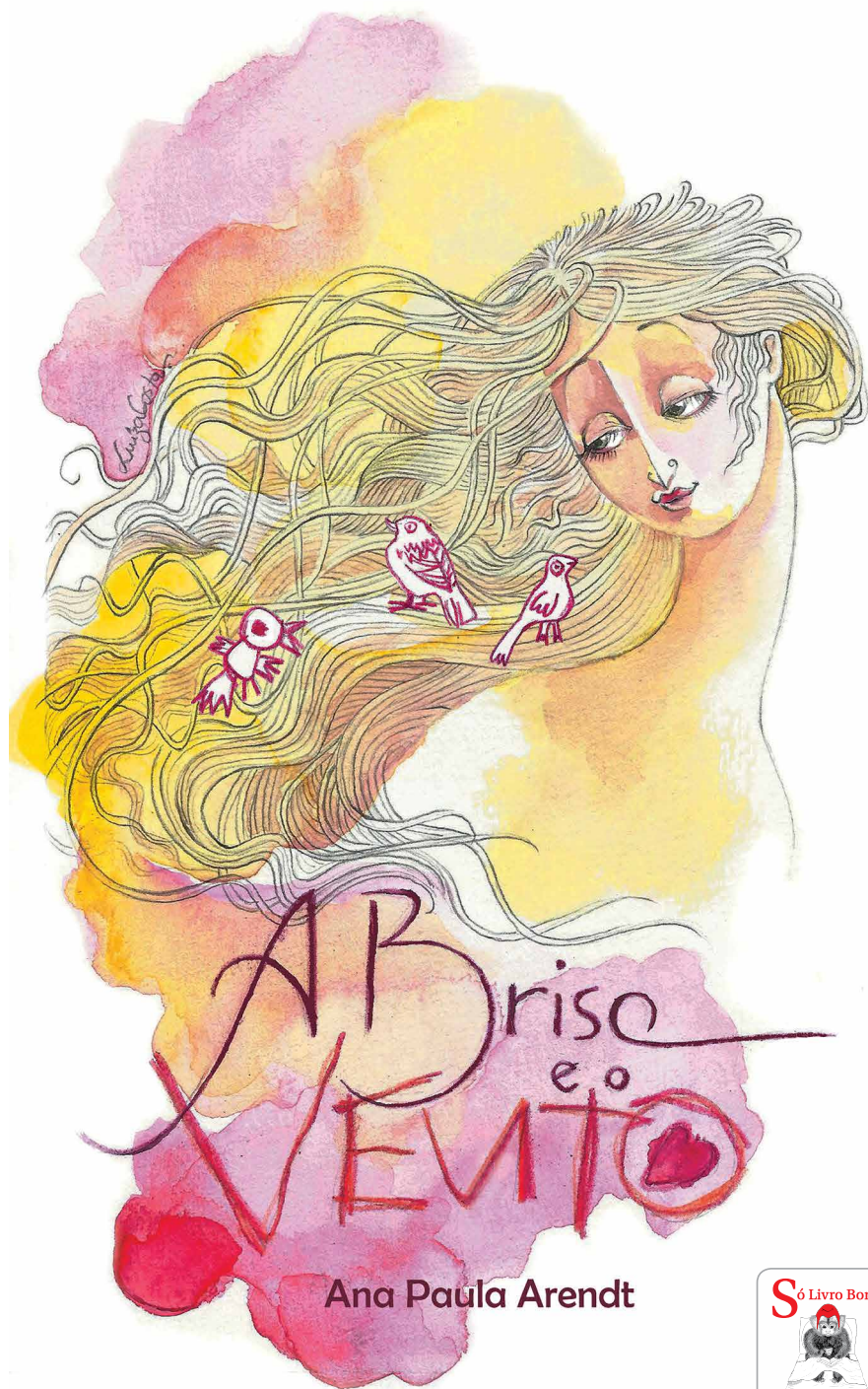
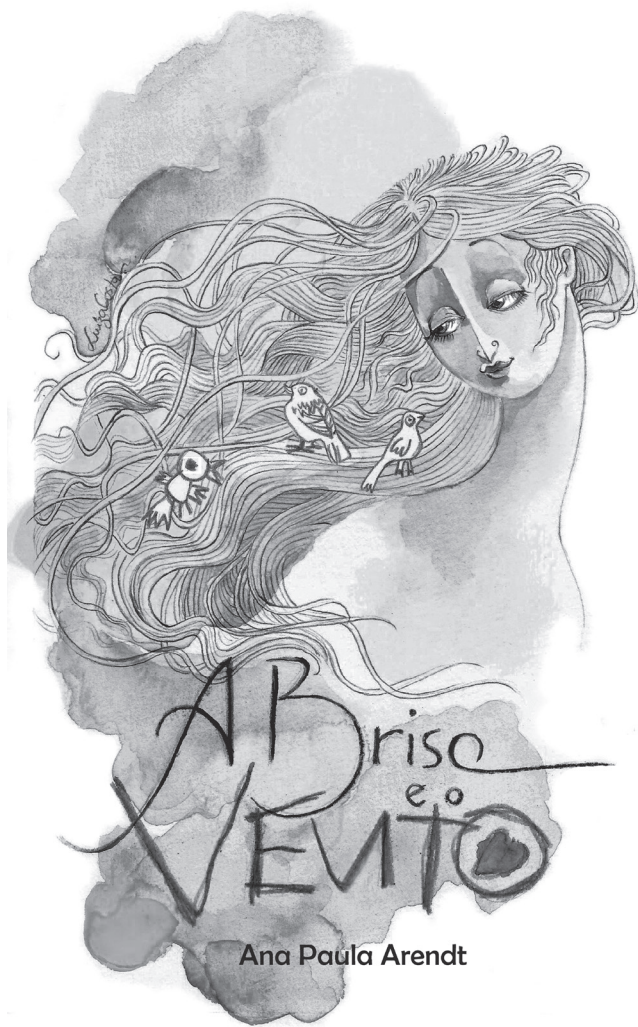




Ana Paula Arendt





BRASÍLIA
2016



Capa:

Luíza Manhães

Projeto Gráfico:

Railssa Alencar

Diagramação:

Ars Ventura Imagem e Comunicação

Revisão:

Francisco Merçon

Agradecimento:

Itamaraty

Impressão:

Gráfica Prudentópolis

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

A728b

Arendt, Ana Paula, 1980-

A brisa e o vento / Ana Paula Arendt ; ilustração Luíza Manhães. - 1 ed. - Brasília,
DF : Só Livro Bom, 2016.

56 p. : il. ; 21cm

ISBN 978-85-920755-4-5

1. Poesia brasileira. I. Manhães, Luíza. II. Título.

16-30713

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

25/02/2016 25/02/2016

Direitos reservados.

Só Livro Bom/Ana Paula Arendt

E-mail: contato.anapaulaarendt@gmail.com

Site: www.anapaulaarendt.com

Foi feito o depósito legal.

Copyright © Só Livro Bom 2016

*Que o tempo, que tudo consome,
apenas construa o nosso carinho.*

*Que o vento, que com tudo some,
apenas nos leve ao mesmo caminho.*

*Que a brisa, que apraz nosso rosto,
desvie e contorne em todo entrave*

*Que frisa, e mistura em um mosto:
amor que dá gosto, é este suave.*

*Um livro para os meus filhinhos lindos;
para todas as Mamães e filhinhos.*

One Parle prendt

Saudade

Um poema mais bonito
Que roçar folhas de árvore,
Que as estrelas, que o infinito,
Mais que lindo, suave
Vai ser constelado brilho
Como o voo de uma ave
Que na canção da noite
Da tristeza fez o fim
Pra limpar tudo que eu te disse
Anteontem
De ruim
Vai ter palavras simples,
Rima singela
Como é a mão de uma criança
Sobre o ombro da mãe dela.
Vão fazer brilhar seus olhos,
As imagens que eu vejo
E o silêncio do remorso
De esquecer que te desejo
Então se me perdoa
Escrever, quando me esqueces,
Ainda que sabia,
Ainda que quisesse
Fazer algo mais livre,
Fazer com mais penhor,
Só agora posso te dizer sorrindo,
Te dizer com mais amor
Agora posso te dizer tão lindo

Que o amor vence o cansaço
Umedeço meus caminhos,
Com um beijo satisfaço
Tem molhados os meus cílios
Tem saudade nos meus braços.

eu filho-pássaro

No silêncio dos meus passos
Sopra a brisa do cansaço
O orvalho, a luz, fé nua
Sinto a mão chegar à tua.

Meu filho, estar sozinho
Nos revela algum caminho
Na distância, em sofrimento
Ouve a brisa, ouve o vento.

No silêncio dos meus passos
Sinto a pena em meu regaço
É meu filho, quem diria,
Pousa alegre no meu dia.

Feche os olhos e me esqueça
Que eu nunca te aborreça
Se eu falho em te querer
É a brisa, o vento, um quê.

No silêncio dos meus passos
Ouço a vida, vejo o traço
Com que Deus forjou o mundo
Que te trouxe em um segundo.

Feche os olhos e me esqueça
Que eu nunca te aborreça
Se do som ouvi teu pranto
Não é choro, é encanto.

No silêncio dos meus passos
Eu recolho a nossa angústia
Me recorda o belo dia
Com que vieste ao mundo.
Com que Deus pra mim te trouxe
Na memória de um segundo.



nosso amor

Nosso amor é cheio de corações
Um dentro do outro,
Cheio de fitinhas
De Nosso Senhor do Bonfim
É simplesmente barroco,
É uma revelação enfim.

É cheio de anjinhos em volta,
Dançando roda,
Sorrindo gostoso
É o mesmo se vai ou se volta,
Em verso ou em prosa,
É um abraço saudoso.

Tem som de faíscas que correm,
E coloridas voam, girando no ar
Tem cheiro e bom gosto
De beijo no rosto,
De jeito em se amar.



quarela de bem-vindo

Tão suave, a sua mãozinha
Dedilhando no pincel
Pinta flor e passarinho,
Pinta tudo que vê a granel.

Naquele dia, anoitecendo,
O céu se turvou todo em rosa
A gente se debruçou em Ouro Preto
E em parapeito parou prosa.

Veio só verso, veio este canto
Que Mamãe pôs num encanto
Do olhar, assim, só de soslaio
E o horizonte infinito
Se desmaiou no papel.

Irmão bebê ficou olhando
Irmão grandão ficou sorrindo
Irmão bebê chutando
O barrigão mais lindo.

E você pintou olhando
A aquarela de bem-vindo.



Andei sob o manto estrelado

Em vez de panázio, panapaná
Em vez de chusma, chão de dançar
Céu de estrelas, em vez de tê-las
E nesta carta, selada à cera,
a minha mão canta o som do mar.
Brilho da vela, na minha janela
Murmura um verso em flor de nós
Tremula a flama, se chamo dela
Uma memória com a minha voz.
Debaixo do manto estrelado
Bem devagar, devagarinho
Andei inútil sob a paisagem
Céu constelado, o burburinho
De brilho triste em não ter margem.
Ardeu meu peito, pensei direito
Na tanta falta que o amor me faz
O amor perfeito, que do teu jeito
Esplende a calma, me enche a paz.
Debaixo do manto estrelado
Bem devagar, devagarinho
Andei inútil sob a paisagem,
Ouvi mil brindes em marfins de piano.
Ouvi acordes nos lares e bares do Plano.
Passei por festas e protestos de todo ano.
Debaixo do manto estrelado,
Bem devagar, devagarinho
Andei inútil sob a paisagem
Dizendo ao ar, eis meu carinho!

Te buscarei até o último fôlego de coragem.
Ó meu amor, não estás sozinho
O céu de estrelas é à tua imagem
Ó meu amor, não estás sozinho...
Se um véu de estrelas é a estrada de viagem,
Ó meu amor, não estás sozinho...
(Para Tomás. E para a Andrea Vedo Pereira).

isita de cortesia

Alfazemas itinerantes
Roçam minha lapela
De um "shabby suit" desgastante
Caem bem na minha novela.

Se te importa, por inteiro,
Venha a mim, por conseguinte
Duas ou três horas de um esteio
Nada mais que mera ouvinte.

Do espelho não sai muito
Mais do que você já sabia,
Pois a noite de amanhã
É que nos faz a cada dia.



huva em agosto

Buquês de ipês amarelos
Floridos, ao anoitecer
Iluminam, tornam belos
Os caminhos do meu bem-querer.

Desde a lua que me recebe
E reflete a mais alva luz,
As estrelas resplandecem,
Mostram Quem é que conduz.

O silêncio do soar da noite
A ternura de certa mão que foi-se
No chão buscar uma flor que trouxe
De volta meus três lindos filhos.

Em meu coração reinam sempre
Seus sorrisos e nossas memórias,
Nossos passeios e nossas histórias
De uma vida feliz e displicente.

Eis que a vida sempre encontra
Os caminhos de se estar contente.

Um estudo sobre a queda das folhas

Folhas tremelizando no topo das árvores: o tempo passa.

Folhas agitando sob o sol: o tempo é graça.

Esfrego uma folha com a mão e ponho na ponta do nariz: uma mãe cai.

Chuva de folhas pela manhã: eu sou pai.

Folhas esvoaçantes sobre mim: Ave Maria.

Mil folhas sopradas pelo vento: sorria.

Quatro folhas caindo na água: recebi sua mensagem.

Uma folha dependurada e molhada: selvagem.

Uma folha cai, a outra a segue: olhe para o céu à frente.

Dois pássaros e uma inteira revoada: mulher apaixonada não mente.

Uma folha espirala no vento: dance.

Uma enorme folha flutua: o universo ao seu alcance.

oo na noite

Um breve raio de sol
Veio parar na minha janela,
Soprou serração e orvalho
Bem ali na frente dela
Curió, sabiá, bentererê,
A árvore rebentou de aves
Chilreando os cantos loquazes
Do cotidiano amanhecer
Veio a luz, veio o dia
E com ele, a fantasia
De ter passado com você
Mas o presente
É só um indigente
Não traz regalos, nem pão
Pra quem ficou noite inteira pedindo
E se esgotou com a sensação.

ingradura

Viver é bem difícil
Sei que é difícil também dizer
Dizer que se é livre é um vício,
Dizer que se é livre é padecer
A liberdade é difícil,
Mas difícil mesmo é não ser
Ver da luz o mesmo início,
Se jogar no precipício,
Dos mil sóis que me inflamam,
Ter na pele o mesmo viço,
Ver-se menos que o patrício,
Ter a voz dos que se amam.

(Com o Embaixador João Almino, 29/01/2015).



Um estudo sobre o voo das aves e dos pássaros

Em curva, bem íngreme, em trajetória, inclinado:
Ondulante, curvilínea, tortuosa, enfeitado.

Súbita, arremetido, plainando, retomado:
Em salto, rente e límpida, de flanco, alçado.

Repentina, de talude, errante, disciplinado:
Cérceo, contíguo, num ímpeto, inesperado.

Envergada, movido, erguida, sequenciado:
Decolado, convexa, dinâmica, sincronizado.

Ríspida, revolução, em evolução, revoado:
Arqueio, flectida, avergada, envergado.

Entortada, zumbrindo-se, fletida, flexionado:
Dobrada, aprumo solto, alacando, em corcovado.

Retilínea, num côncavo, sinuosa, deslizado:
Livre, libertino, lindo lume, capturado.



huva, chuvinha, chuvão

Choveu chuva-chuvinha,
Choveu chuva-chuvão
Chove chuva bem fresquinha
Chove aqui na palma da mão.
Choveu a chuva que é minha,
Gotas limpas de só benção
E nas casas quietas vizinhas
Choveu chuva com raio e trovão.
Choveu branca e boa a chuvinha
Mas nas casas de gente mesquinha
Choveu chuva de desilusão.
Chove chuva, chuvinha, chuvão!
Chove lua, estrela e balão!
Chove em rama de laranjeira,
Flor de ipê, amora e mangueira,
Em rosinha, cidreira e mamão!
As gotas soltam sabor de poeira,
Chovem bolhinhas de sabão!
Chove chuva minha companheira,
Bem gentil molha a roupa ligeira,
Cai na palma da minha mão.
Bebo água do céu e as olheiras
Viram marcas de santa afeição.
Chove chuva verdadeira,
Chove em Mamãe por inteira
Gotas grossas de redenção
Que deslizam e curam cegueiras,
Pois te amo com muita paixão.

Chovem gotas de uma brincadeira
Vão caindo espirrando festeiras,
Em poças com espelhos no chão.
Chove chuva numa quinta-feira
Refresca o calor, passageira
Dos telhados cai pela beira
Sobre a palma da minha mão.



Menina no meu sonho

Ganhei um desenho bonito
De um rosto delineado
Pintei isto e mais aquilo
Pintei, pintei, pintei
Até que te vi do meu lado.

Era você no desenho
Seu rosto delineado
Era o presente que eu te dei
De repente num rosto de lado.

Lembrei do dia em que te vi,
Em que vi seu rosto delineado
Da calçada, quando eu estava aqui
Com o sorriso delineado
Lembrei do dia em que te vi
Quando vi seu rosto, bem do meu lado.



Mamãe cantando no seu sonho

Era uma vez
Noite que apassou
E se perdeu, se perdeu, se mostrou
E se perdeu, se perdeu, se mostrou.

Era uma vez
Mamãe que sonhou
E te quereu, te quereu, e voou
E te quereu, te quereu, e voou.

Era uma vez
Homem que amargou
Que se perdeu, se perdeu, se tocou
Que se perdeu, se perdeu, se tocou.

Era uma vez
Filho que sonhou
E se perdeu, se perdeu, se achou
E se perdeu, se perdeu, se achou.

a janela em movimento

Confesso que me perdi
Neste meu olhar distante,
Nas tristezas que eu vivi
De pensar num mesmo instante
Confesso que renasci
Neste céu itinerante,
De seu medo aqui e ali
Em ver só de mim o restante,
Pois a gente se recria
Quando nos indaga alguém
Se confirma a elegia
Da doçura e o querer bem.

udo parado

O poema é meu
Foi você quem me deu
A palavra livre e ilógica,
Literal.
Literal eu leio a vida
Com uma certa misericórdia
Com o que nos cai na lida
Faço verso sem discórdia
Com o que nos faço em dia
Com a sina da voz górdia.



inco volumes

Um menino me pediu.
Mamãe, bem cheirosinha.
Mamãe foi e vestiu
Cheiro de alecrim com rosinha.

Um menino me pediu.
Mamãe, eu quero um anel.
Mamãe foi e incumbiu
O ourives que usa um chapéu.

Uma menina me pediu.
Mamãe, desculpa.
Mamãe deu beijo na testa
Minha Filha: Mamãe não inculca.

Uma menina me pediu.
Mamãe, quero nascer.
Minha Filha, Mamãe não sabe
Esqueceu como fazer.

Um menino me pediu.
Mamãe, deixa eu mostrar
Como era a gente antes
Do tempo jamais passar.



Pranto em ornamento

Solidão a mais
Solidão por dentro
Solidão sem paz
Só, sem consentimento
Solidão não traz
Aqueles doces momentos
De quem sonha demais
E nisso encontra um alento
Mas o pássaro da noite faz
A teia, o breu, o vento
Canta-me um pouco mais
E meu pranto é ornamento.



Como Deus fez a alma da criança

Em três partes,
Flutuava o Ser,
Dentro de mim.

Não dentro de você.
Dentro de mim.
Só assim.
Mulher é bicho ruim.
(Nem tão ruim, enfim).

Em três partes,
Flutuava o Ser,
Dentro de mim.
E agora
Cheio de graça.

Foi assim.

Aí ficou lá, a alma.
Entusiasmada.
Nova parte
Feita do nada.

Querendo pular aqui e ali.
Querendo se ver em você
Em você, em você, e nasci.

em-te-vi

Que vinha ali na borda
Beber da nossa água salgada

Que voava da árvore
Ver a gente dar risada

Que o meu Filho corria
Para fazer revoadas

Vai ali naquele esteio
Ver se estão em meu seio
Meus filhos na minha morada.



Beija-me no Natal seguinte

Beija-me como se pudesse ter vindo
Beija-me até que de amor eu me cale
Bem junto a meu corpo em abraço tão lindo
Beija-me até que nos olhos eu fale.

Beija-me como se fosse vinho
O meu lábio partido,
Uma dor que te acalma.
Beija o meu rosto sozinho,
Que por ter te ido,
Entornou lágrimas na minha palma.

Beija-me vendo o futuro sorrindo,
Quando encontrarmos o caminho que nos vale;
Na estrada o calor de um verso não findo,
Na alma um amor que tão grande, trescale.

E no Natal seguinte, quando males em requinte
Forem apenas uma memória triste e vaga
Beija-me um trilhão vezes vinte,
Até que o céu estrelado tilinte,
Que no infinito de dar se propaga.



s crianças mais felizes

No silêncio de uma rua
Feita de licor chartreuse
Pura proa perfumada!
Água verde preguiçosa,
Não me tire desta ascese,
Não me faça perturbada.

Sinto cheiro de uma rosa,
Bem feliz em fazer challah.
Seu odor alui a troça,
Preciosa, o lar exala.

Bem feliz segue a criança,
Numa alma consagrada
Bem macia em manhã mansa,
De ruídos sossegada.



omo Deus fez a alma do homem

A mulher estava lá, cantarolando
Mas o homem
Estava sempre desconfiado.

Morrendo de medo
Desconfiado
Qualquer coisinha
Assusta.

Pra parecer corajoso,
Fez da mulher ser proibido
De modo para parecer
Corajoso.

Morrendo de medo
Desconfiado
Qualquer coisinha
Assusta.

Pra ter menos medo
Fez da mulher ser descabido
De modo para parecer
Mais racional.

Morrendo de medo
Desconfiado
Qualquer coisinha
Assusta.

Chegou perto.

Aí a mulher achou:
Que homem corajoso! Que homem racional!
E ele acreditou
A mulher riu
O homem, nem tanto
E aí se fez o homem.

ebril no Boteco

Hoje eu vi minha morte
Foi ver minha Filha deixada,
Adulta e madura,
A tecer, hábil, a própria sorte.

Foi ver meus filhos sorrindo,
Cada qual parindo, férteis,
Suas próprias e vivas ideias
Foi ver que o mundo,
Cheio de luz e de medo,
Não é feito só de misérias.

Foi ficar à paisana,
Vendo pessimismo de garçons
Sem nenhuma justificativa,
Pois a lamúria existencial deles
Ainda lhes passa despercebida,
E tudo é mais do mesmo.

Foi ver que Deus segue,
Grátis e em segredo,
Num cheiro de padaria,
Trazido pela brisa.

ulseirinhas

No brilho da mesa escura
Refletiu a luz branca
Enfeitavam a escrivaninha
Coloridas, coloridas,
Espalhadas,
As suas pulseirinhas
Tinha magenta, anil e alaranjada;
Amarela, celeste, rosa desbotada;
Tinha índigas e enegrecidas,
Violáceas, verde-água, e cor-de-nada
Aquele tanto de pulseirinhas
Que a minha menina gostava
Choveram em cima da mesa
Lágrimas açucaradas.

Lá onde eu morava

Lá onde eu morava
Quando eu era criança
Eu não tinha próprio quarto
Mas a gente tinha dança.

A gente jogava bola
Comemorava o carnaval
Soltava traque e bombinha
Sempre era legal.

A Mamãe não ficava
O tempo todo em cima
A gente ia pra rua
Ou pra casa da prima.

À noite, Mamãe fazia sopa
E que ninguém nos importunasse
Pois mamãe era brava
E ai de quem nos incomodasse.

Tios e avós paternos, tem hora
Não tem que ficar entrando sem pedir
Caraminhando cabeças
Pra ver a casa cair.

A mãe é quem cuida dos filhos
Leva pra escola
Ganha o nosso pão
Escreve rima e poema

Faz dileto macarrão
É quem nutre e amamenta
E quem faz a vida valer a pena
E faz tudo sem reclamação.

Quem foi mãe devia saber
O que é que uma mãe faz
Mas se não lembra,
Melhor seria
Que nos deixasse em paz!

Ao invés de tios insistindo
"Isto ou aquilo, venha pra cá",
Deviam ter vida própria
E ir de fato visitar.

Um estudo sobre o silêncio

Silêncio das dores: profundo espasmo arrefecido.

Silêncio de amores: olhos límpidos, embevecidos.

Silêncio indignado: terrível demais pra ser dito em palavras.

Silêncio calado: medo, o degredo das pontas das travas.

Silêncio pacífico: sinto o ar impermisto entrar no meu peito.

Silêncio epistemofílico: penso como tudo pode estar direito.

Silêncio hesitante: os olhos antecipam com uma expressão.

Silêncio irritante: quero saber logo, e você não me diz não.

Silêncio em protesto: dói-me dizer, não quero saber.

Silêncio honesto: não sei quê dizer, gostaria de saber.

Silêncio funesto: sofre o homem, sem nada fazer.

Silêncio de um gesto: sofro com o homem, e isso é fazer.

(Para Catarina).



Na minha rua citadina
Morava meu amigo
Que jogava bola na rima
E gostava de perigo.

Todo dia eu ia lá
"João Bosco!
Vamos jogar?"

João Bosco driblava com a bola
Enroscava e dava balão
Colocava a bola no pé
E sempre fazia um golzão.

Eu não lembro se eu jogava
Fora ou no time dele
O que importa é que a gente amava
Brincar de bola na rede.

Uma vez ensinei a ele
Uma nova brincadeira.

A gente fazia um traço
De giz, reto, no chão
Ele jogava a bola para o alto
E a gente corria de antemão.

Quando a bola caía
Ele ia ver quem é que chegou
Mais perto da linha traçada
Que ele próprio estipulou.

João Bosco às vezes traçava
Linhas que iam muito longe
Nesse caso eu o alertava
"Cuidado!
Depois da linha passa um bonde!"

Um sorvete

Mamãe ficou doente
Foi até o bar tupiniquim,
Onde pajé me deu um sorvete,
Sorvete de chocolate
Não há nada melhor
Do que um sorvete de chocolate.

Só sorvete de cupuaçu,
Que é mais doce, mais molenga,
E faz a boca sorrir,
Quando derrete por dentro.

E sorvete de bacuri,
Que de tão firme e gelado
E adstringente
Dá um certo sentimento.

Sorvete de iogurte,
Leve e gostoso.

Sorvete com quitute
É delicioso.

Tem sorvete de menta,
Que derrete mais rápido
Que os pedacinhos de chocolate
Tem sorvete de baunilha,
Com sementinhas escurinhas
Da fava da orquídea escarlate.

(O sorvete de menta
Tem gosto de balinha de menta
E de pasta de dente,
Dá uma agonia engolir.)

Tem o sorvete de pistache,
Com sabor forte, de amêndoa
Tem aquele ali de espinafre,
E o com cereja é de amarena.

O sorvete dá um susto
No lábio superior
Tem sabor de algo justo
Para um dia de calor.



s médicos dos índios

O médico dos índios

Tupiniquins

Chama-se Pajé.

Ele atende em qualquer lugar

Basta você dizer que quer.

A médica dos índios

Tupinambás

Chama-se Pajá

Ela atende em qualquer lugar

Basta você mandar.

O médico dos índios

Parecis

Chama-se Pají

Ele não atende em nenhum lugar

Então você diz: ih, morri!

A médica dos índios

Caiapós

Chama-se Pajó

Ela não atende em qualquer lugar

E se acha o ó do borogodó!

O médico dos índios

Cururus

Chama-se Pajú

Ele não atende nem aqui, nem em outro lugar

Porque não existem índios cururus.

elefonema

Certo dia, fazia noite
Quando Mamãe me ligou
E conversando, entretendo
De tanta saudade, chorou
E num poema, escrevendo,
Meu sentimento roubou.

É que Mamãe quer para si
Toda angústia e toda saudade
E te deixa só um pouquinho
Pra saber o que é amar de verdade.

Quando a gente sente medo
De não poder se encontrar
É bom de saber um segredo:
A gente sempre pode sonhar.

Com o futuro alegre,
Vivendo na mesma cidade
Que num abraço celebre
E se chame Felicidade.

Rindo, lendo e brincando
O tempo vai logo passar
E na memória encontrando
A gente junto já está.



tempo

Tudo na vida tem um tempo,
Tempo de vida, tempo de morte
Tudo na vida tem contento
Basta ter fé. E boa sorte!

Tem gente que vive feliz
E há quem vive sem ter
Noção de que um dia acaba
O tempo de se viver.

Tudo na vida tem momento
Momento na vida de tempo de paz
Às vezes a gente cria momentos
Quando imagina o que a gente faz.

Também não é pra correr
Também não é pra se desesperar
Quando a gente ama, o tempo para:
E dá tempo pra gente sonhar.

É tão lindo o pensamento
E nele vivo cada momento
Sendo o melhor, de viver à toa
É tão lindo esse contento
De ter levado uma vida boa.

Vida boa é ter sentimento
Vida boa é viver de verdade
É te dar um beijo gostoso
É te dizer com boa vontade.



Amor de Madre

*Necesito mis hijos
Cantando y jugando, al rededor
Necesitan cariños
Y planes al futuro mejor.*

*Necesito de ellos
Y ellos necesitan de mí.*

*Necesito mis hijos
Necesito verlos
Necesito cocinar heredades
Rechazar sus miedos.*

*Necesito de ellos
Y ellos necesitan de mí.*

*Necesito sus sonrisas
Sus voces encantadas
Que me llaman con cariño
Cuando ya no resta más nada.*

*Necesito de ellos
Y ellos necesitan de mí.*

*Necesito acogerlos
Y en ellos recrearme
Preparar sus enredos
Llevarlos, besarles.*

*Necesito de ellos
Y ellos necesitan de mí.*

*Necesito verlos
Y ellos necesitan ver a mí.*

*Necesito de ellos
Necesitan de mí
Necesito a ellos
Y necesitan más a mí.*



biscoito de coco

Olha o quadro tão bonito
Desenhado no biscoito.

O velho biscoito de coco
Com açúcar granulado por cima
Tem um sol com raios fúlgidos
E duas palmeiras. Sem coco.

(Vai ver usaram os cocos
Para fazer o biscoito.)

E vem escrito com letrinhas:
"COCO"
É biscoito para alfabetizados!
Com acento em lugar correto
E não lá no fim do outro lado.

Dá até pra ver o mar
Cintilando ao pôr-do-sol
Dá até pra gente voltar
À infância das lojas Bemol.

Em que tinha concurso
Pra quem fazia desenho
Em que tinha brinquedo
Pra quem fazia desenho.

O biscoito de coco se come assim:

Primeiro o sol.

Depois as letrinhas

Daí ficam só as palmeirinhas

Na ilhazinha.

Era assim que a Mamãe comia

Lá em Rondônia, na hora do recreio

Quando a sua avó mandava biscoito

Com desenho e sem recheio.



abrigo da República

Era uma vez, tatatatatatataravó
Ela tinha um filho, Tristão,
E tinha um Coronel
Que jamais pedia perdão
Vivia importunando
Todo mundo lá no Crato
E Bárbara, mãe de Tristão,
Se rebelou bem no ato.

Aí foi presa. Em uma gruta
Bem escura, bem comezinha
Naquela época se prendia
Até sua vovozinha
Mas ela não teve medo
Escrevia pro filho Tristão
Dizia pra ele que a saudade
Vem depois da rebelião
Disse pra ele fugir desse Coronel chato
Que não respeita nenhum irmão
Bárbara ainda dizia:
— Não pode bater em negro, não
Vamos acabar logo com isso
Acabar com a escravidão!

O Coronel detestou:
— É só o Rei que manda!
E você e os negros obedecem!
Se o Rei me manda eu bater!
É porque vocês merecem!

(O Rei nem sabia dos detalhes
Morava lá longe no Rio de Janeiro.)

Aí Tristão fugiu
A esposa dele não quis ir
Disse que não lhe gostava
Sair feito rebelde por aí.
(Ela era chique.)

A empregada Isabel era escrava
Ela aos guardas despistou
Confessou que o amava
E Tristão se apaixonou
Aí tiveram um lindo filho
De Pedro Jaime cuidaram
Viveram uma vida autêntica
E o fogo de dentro ensinaram.

De Pedro Jaime
Veio Antônio Jaime
E depois, vários netinhos!
E dos netos veio o Vô Célio
Que cuidou da Mamãe direitinho.

Antônio Jaime, seu tatatataravô,
Contava a memória da avó Bárbara,
Que viveu tantos anos na prisão,
Que escrevia cartas com o próprio sangue,
Pois não havia tinta à mão
Quando achavam, o Coronel as destruía
E dizia: — Não pode escrever, não!
O carcereiro desobedecia
E arrumava pena e papel

Afinal, toda mãe ama o filho,
Mesmo que esteja em uma gruta cruel
Então vários choraram
Então vários ouviram
O Rei, a Princesa Isabel
Ficaram assim comovidos
Antônio Jaime, enquanto chorava,
Dizia: — Não façam isso, não
E assim o Imperador preparou
A República e a abolição.

Todo dia a história se repete
Há sempre um péssimo Coronel
E agora é a nós que compete
Repelir crueldade a granel,
Defender uma certa igualdade,
Viver com autenticidade
Afinal, comprazer-se em dar castigo
Sem olhar para o próprio umbigo
Repisando o outro em súplica
Não é coisa de amigo:
É coisa de gente estúpida
Muito melhor é ter abrigo
Nos caminhos da República.



Estudo sobre a conformidade das nuvens

Sob o sol a pino: espessas e fofas, reentrâncias muitas;
Sob turvo céu divino: reluzentes, silhuetas fulvas.

Se o vento freme: entrelaçadas por seis andorinhas;
Em curtas sobras solenes: rarefeitas, traçadas em linha.

Contra o horizonte distante: empoeiradas de pôr do sol;
Em pétalas soerguidas e errantes: desfazidas no arrebol.

Ao amanhecer imanente: esparramadas e quase esmaecidas;
Tempestade anunciada ressentida: adiabáticas e empedernidas.

Em mais de uma (em duas, ou três): bem franzidas, rente às outras;
De frente pr'um mar de mercês: volumosas, sensualmente loucas.

Do alto cume, de um avião: oceano sossegado de ondas imperturbáveis;
Perfurada a camada, em ascensão: vero nevoeiro, bem trepidáveis.

Detrás das copas das sibipirunas: transparecidas, quase invisíveis;
Vistas de olhos ao só se ter uma: cores nascidas, em formas incríveis.

Um estudo sobre as gotas de chuva

Véu cinza e largo; um mormaço balança os cardos:
Gotas espessas.
Céu turvo e nublado; ar frio, congestionado:
Indeléveis, me pedem: adormeça.
No sol de fim de tarde, chuva nos olhos arde:
Gotinhas de luz explodem no chão.
Nuvens formando bigorna, soprando brisa morna:
Em tempestade, com raio e trovão.
No vidro do carro, escorrendo e em desgarro:
Longas como um cometa.
Em rosto amargo, chorando um encargo:
Uma lágrima acoleta.
Em noite vazia, a umidade esfria:
Iluminam poste.
Chuva ao meio-dia, se um banho anuncia:
Não há quem não goste.



herança de meus filhos

A minha herança para os meus filhos
É um pouco de ouro
Que tem seu próprio lastro
Em um lustro de alabastro,
No coração duro dos homens.

A minha herança para os meus filhos
É da língua um longo tesouro
De que se alimenta a légua, a lenda, a lis e o louro.
É um jeito de ser pra si;
É ser do mundo um eterno calouro.
É ver súbita poeira dos astros,
Na abóbada celeste, seus rastros,
Numa noite escura, com medo da estrada.
Refestelar-se no anseio, dos medos dar risada;
Um carinho junto ao meu seio, uma raiva bem desanimada.

A minha herança para os meus filhos
É uma lembrança de todos
Momentos ternos, e o fascínio
De perceber algo novo.
É voar alto, por sobre as rinhas,
E em rimas achar o que eu sorvo.
São os teus olhos com molhado brilho
Em que te fitando, eu me comovo.

A minha herança para os meus filhos
É um livro, a música e um anel

É um pequeno verso, um estribilho
Feito de sonho e de mel
É a casa pra sempre indestrutível
Que a gente construiu no céu.



s gotas salgadas limpam tudo

Chorar limpa tudo por dentro
Limpa o fel do diário tormento,
De quem a súplica não foi ouvida.
Abandonada, a lúzia lágrima escorre,
De teus olhos sobre o meu lábio, inflectida.

Meu Filho doce, meu Filho lindo,
Como posso te consolar?
Sinta como é salgada a lágrima saindo,
Salgada como a onda do mar.

Ouvi dizer que numa lágrima escondida
Está a pura redenção dessa dor ferida
Que as gotas curam e desinflamam,
Como a chuva sobre os que andam
Sem medo de jamais se reencontrar.

As gotas salgadas de chuva,
Que brilham no meio da curva
Que eu pendo pra te abraçar
Refrescam o rubor dos nossos rostos,
Purificam todos nossos desgostos,
Enquanto eu canto a canção de ninar.

As gotas sagradas, salgadas de chuva.
Essas gotas sagradas de mar.
Elas nos limpam a alma turva,
Essas saboreadas gotas de chuva

Que chovem no rosto,
De salgado gosto,
Salgadas igual ao mar.



Primeiro Natal

Uma estrela anunciou
O primeiro Natal
Um bebê se encostou
No seio virginal

A família se criou
Com o amor fraternal
E vieram pastores
Saudá-la afinal.

Noel, Noel, Noel, Noel
Um pequeno menino é o Rei de Israel.

Bem famintos, suscitou
São José o ideal
Dividir com os pastores
O alimento frugal.

O carneirinho se achegou
Para ver um sinal
Diante d'Ele curvou-se,
De um Amor sem igual.

Noel, Noel, Noel, Noel
Nasceu Deus pequenino, desceu lá do céu.

A Mulher contemplou
Noite celestial

Em que os anjos louvaram
O amor maternal.

Meio à luz se revelou
A pobreza e o local
Deus numa manjedoura
E não num ritual.

Noel, Noel, Noel, Noel
Um pequeno menino é o Rei de Israel.

Noel, Noel, Noel, Noel
Nasceu Deus pequenino, desceu lá do céu.



Ana Paula Arendt, pseudônimo de R. P. Alencar, é escritora, poetisa e diplomata. Nasceu em 1980, em Rondônia. Diplomada em Relações Internacionais e Mestre em Ciência Política, trabalhou desde 2004 na área de Direitos da Infância e da Adolescência, antes de entrar para o Itamaraty, em 2008. Mãe de Catarina, Tomás Antônio e João Davi. Morou em São Paulo, Montevidéu e Brasília, onde reside hoje.

Autora de livros infantis, de peças teatrais, de romances e de coletâneas de poemas. Publicou "A Verdade é Filha da Mentira" e "Rumo à Liberdade", pela Azougue Editorial. Autora do romance de boteco "Trinta Moedas para o Diabo", do poema épico "Penthesilea"; e a obra premiada "O Constituinte".

www.anapaulaarendt.com



A Brisa e o Vento

ANA PAULA ARENDT



"Que o tempo, que tudo consome,
apenas construa o nosso carinho.

Que o vento, que com tudo some,
apenas nos leve ao mesmo caminho.

Que a brisa, que apraz nosso rosto,
desvie e contorne em todo entrave

Que frisa, e mistura em um mosto:
amor que dá gosto é este suave. "



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-920755-4-5



3 788592 075545